



JANELA DA ALICE

ALICE VIEIRA
JORNALISTA E ESCRITORA
alicev@netcabo.pt

AS NOSSAS PÁTRIAS

O miúdo olhou para mim e perguntou:

– Onde é que mora?

Olhei para ele e sorri. Porque possivelmente ele nunca teria saído da sua aldeia. Era com certeza uma pergunta fácil de responder se fosse eu a fazê-la a ele.

Era com certeza uma pergunta fácil de responder para muita gente.

Mas é uma pergunta que eu própria às vezes me faço para tentar encontrar resposta.

E ainda não cheguei a uma resposta definitiva.

Porque se eu for contar as horas que passo em casa e as horas que passo noutros lugares — a casa fica, de longe, a perder...

Durmo muito mais horas em quartos de hotel do que no meu.

Passo muito mais horas em transportes do que sentada no sofá da minha sala.

Um dia, acordei tão estremunhada que nem me conseguia lembrar em que terra estava.

Tive de me levantar, abrir a mala, folhear

a agenda — para descobrir que estava em Berna, na Suíça. (No dia anterior tinha estado em três cidades diferentes...)

Um grande poeta (e um grande amigo, de quem tenho muitas saudades) chamado Ruy Belo chamou às esplanadas dos cafés «as nossas pequenas pátrias provisórias».

Eu também moro em muitas pequenas pátrias provisórias que são os hotéis, os aviões e os aeroportos, os comboios e as gares, as camionetas.

Por aí vou fazendo a minha vida, conhecendo outras pessoas, descobrindo outros mundos.

Os meus amigos riem-se muito de mim porque, quando vou apanhar um avião, chego sempre com três e quatro horas de avanço em relação à hora do meu voo.

Por muito que tente explicar-lhes, eles não conseguem entender por que razão eu adoro aeroportos.

Mas a verdade é que um aeroporto é um lugar fascinante, uma espécie de terra de

ninguém e de toda a gente, onde o anonimato é a capa de invisibilidade que cobre todos. Podemos imaginar todas as histórias possíveis para quem se senta ao nosso lado a beber um café, ou a ler o jornal que acabou de comprar, ou a consultar pela centésima vez o ecrã com as horas das partidas, ou a falar (sempre tão alto!...) ao telemóvel. Para alguém que, de repente, nos pergunta

guém nos dá informações?». Há quem se tenha desenhado das pessoas com quem estava. Há quem tenha uma simples dor de cabeça e pense que vai morrer. Há quem não entenda nenhuma palavra das línguas que ouve à sua volta. Há quem se perca no labirinto das placas de informações.



as horas, ou nos pede ajuda, ou simplesmente lhe apetece conversar.

Mas, como tudo na vida, as pátrias não são perfeitas...

Há quem tenha voos cancelados («e agora o que é que eu faço?») «e porque é que nin-

Há quem precise urgentemente de telefonar e descobre que o telemóvel tem a bateria descarregada.

Há quem não saiba usar um telefone de moedas.

Há quem não tenha moedas porque gastou

tudo no *free-shop*.

Há quem tenha o vício do tabaco e anda para ali a bater com a cabeça nas paredes.

E depois... ah, depois vem o melhor de tudo, que é a altura de passarmos por aquelas maquinetas que mostram as nossas carteiras, e antes disso temos de tirar casaco, cinto, relógio, sapatos — e nunca está como eles querem!

aspirina.

Vou já a passar no controle, mas antes meto o comprimido à boca e abro a minúscula garrafa de água que levava na carteira.

Eis senão quando sinto uma mão, vinda sabe-se lá donde, a arrancar-me a garrafa da boca.

Engasgo-me, tusso, há água pela minha camisola toda, procuro resgatar a garrafita

— mas a funcionária olha para mim como se tivesse descoberto uma plantação de coca nos bolsos das minhas calças, e diz que eu não posso levar a garrafa de água para a sala de embarque.

Eu digo que não vou levar garrafa nenhuma, porque estava a bebê-la, ali mesmo ao pé dela, mas ela não se comove, nem com a porcaria da aspirina a dissolver-se amargamente na minha língua, e manda-me passar, «mas a garrafa fica!».

Ficou. Praticamente sem água nenhuma,



Da última vez que entrei num avião (há-de haver para aí 15 dias), eu estava com uma dor de cabeça daquelas.

Tinha acabado uma semana de muito trabalho, poucas horas dormidas e muitos litros de café — quando cheguei ao aeroporto mal conseguia abrir os olhos.

Quase a entrar para o avião, e como a dor não passasse, decidi fazer o que só em casos extremos faço, a saber, tomar uma

claro. Mas ficou.

E eu passei.

E depois de ter passado fui a um dos muitos cafés da sala de embarque, comprei outra garrafa, e lá fiquei tranquilamente a bebê-la.

Pois.

As pátrias também têm habitantes assim.

Por isso mesmo é que elas são tão fascinantes.